

AGORA
São Paulo

PREFEITURA INSTALOU LEDS COLORIDOS EM 17 TÚNEIS

Iluminação azulada se espalha por SP

Túnel sob a praça Roosevelt (foto), no centro, ganha contornos azulados com a nova iluminação. Assim como em outros 16 túneis, a via ganhou lâmpadas de LED na cor azul-arroxeadada. Para a prefeitura, o objetivo é criar "referências urbanas". "Gera uma sensação de aconchego e familiaridade com a paisagem", diz Regina Monteiro, responsável pela paisagem urbana. "Vai virar uma boate de noias", detona moradora. **AG**



MUDANÇA NA PAISAGEM

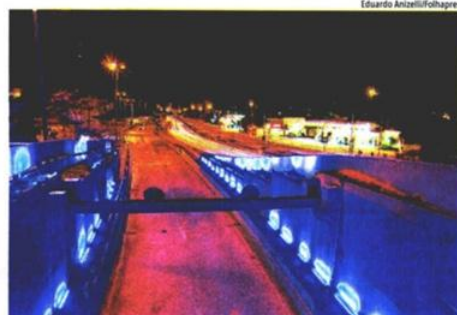
Iluminação de túneis e ruas ganha tons azulados

O túnel que passa debaixo da praça Roosevelt, centro de São Paulo, recebeu um novo projeto de iluminação da prefeitura, inaugurado na semana passada.

A mudança integra uma nova frente de intervenção da prefeitura na paisagem urbana. O túnel, assim como outros 16 da cidade, teve as suas luzes trocadas por luminárias brancas de LED.

Nas extremidades, assim como já ocorre nos túneis Ayrton Senna e Tribunal de Justiça (zona sul), foram colocadas luzes azuis de LED.

No túnel da Roosevelt, a luz decorativa foi colocada no teto, como os refletores de um teatro, com o foco direcionado para as paredes, de forma a não ofuscar a vi-



■ Entrada do túnel Ayrton Senna, um dos pontos da capital que recebeu iluminação em tom azulado

são dos motoristas.

"Isso aqui vai virar uma boate dos noias", protestou a bancária aposentada Dolores Santana, 67 anos, que mora perto do local.

Segundo Regina Monteiro, presidente da Comissão de Proteção da Paisagem Urbana, da prefeitura, o objetivo da iluminação é criar "referências urbanas". (FSP)

Faltam placas e iluminação na marginal

A falta de sinalização de acessos na marginal Tietê tem confundido motoristas ao longo da via. Outro problema são trechos sem iluminação, o que facilita a ação de ladrões. Segundo a CET e o Ilume, soluções estão sendo adotadas. **A3**

Destaque do dia

Marginal Tietê tem **falhas** em sinalização e iluminação

Motoristas sofrem com falta de placas indicativas e risco à segurança ocorre porque faltam luzes

Principal via que corta São Paulo de leste a oeste, a marginal Tietê apresenta problemas na sinalização dos acessos e na iluminação —este aliás, persiste há mais de um ano, quando o **Vigilante Agora** esteve no local.

Ao longo dos 23,5 km, é difícil saber em qual via ou ponte entrar somente a partir das placas. Elas existem, mas são distribuídas de forma ineficaz e bem antes das entradas, o que favorece a confusão ao volante.

Após a instalação de novas pistas, criando a terceira faixa, muita gente ainda se atrapalha. “Após a ponte das Bandeiras, no sentido do Cebolão, se não prestar atenção, você sobe na mureta da pista central. Tinha de ter pintura no chão”, afirma o motorista Eronilides Soares dos Santos.

O especialista em trânsito Luiz Célio Bottura diz que é preciso usar ao menos três placas para cada saída: duas de aviso prévio e outra confirmando a conversão.

O problema é que as placas atuais já são excessivas, diz o especialista Sérgio Ejzenberg. “A velocidade máxima da pista expressa [90 km/h] é de rodovia. Tem de reduzir os limites para ninguém se perder”, conclui. “Tem sinalização e acesso, mas o trânsito nos atrapalha no percurso”, comenta a farmacêutica Luciana Aguiar, 30 anos.

Um ano após a reportagem apontar os problemas de iluminação na marginal, eles persistem. Entre as pontes Freguesia do Ó e das Bandei-

ras, no sentido leste, o escuro segue do km 8,5 ao km 12,5.

A escuridão já permitiu que assaltantes colocassem pedras para que os motoristas parassem na marginal, facilitando o crime. Em decorrências dessas ações a Polícia Militar instalou bases nas marginais Tietê e Pinheiros, em 2011. Há três semanas, o delegado Paulo Pereira de Paula foi morto a tiros, na via, em tentativa de assalto.

“Tenho medo quando o trânsito está lento. Já vi um carro ser assaltado na minha frente”, conta a gerente Dulce Fonseca, 32 anos.

(Simei Moraes)

Problemas no asfalto



Fotos: Almeida Rocha/Folhapress

Sentido rod. Ayrton Senna

- 1** Antes da ponte das Bandeiras
Placa de rua caída atrapalha passagem de pedestre
- 2** Após a ponte da rodovia dos Bandeirantes
Muitas alças de acesso estão sem placas
- 3** Após a ponte dos Bandeirantes
Não há iluminação em nenhuma pista, do km 5 ao km 5,5
- 4** Após a ponte do Piqueri, pista do meio, entre a expressa e a local
Há uma placa de "proibido estacionar" caída no trecho
- 5** Após a ponte da Freguesia do Ó
Óbras sem sinalização na pista do meio, entre a expressa e a local
- 6** Após a ponte da Freguesia do Ó até a ponte Cruzeiro do Sul
Luzes apagadas nas pistas expressa e central, do km 8,5 ao km 12,5
- 7** 50 m antes da ponte da Vila Guilherme
Buraco com 50 cm de largura na pista do meio, entre a expressa e a local

- 8** Próximo ao acesso da rod. Dutra
Falta de iluminação
- 9** Ponte da rod. Dutra
Falta sinalização de altura permitida
- 10** Após a ponte do Tatuapé, entre km 19,5 e km 20
Faltam algumas placas de identificação das avenidas
- 11** Km 20, após a ponte do Tatuapé
Trecho sem calçamento e estreito que dificulta a passagem de pedestre
- 12** km 21,5, após a ponte Aricanduva
Acostamento da via expressa não tem sinalização de solo nem placas

Outros problemas

Lixo

- O que se vê: pedaços de madeira, sacos de lixo, entulho, tapete, para-choque e até galinha morta em oferta
- Carça de pneu é a campeã: há em toda a via, nos dois sentidos, nos canteiros e até no meio do asfalto

Asfalto ruim

- Há ondulações e buracos nos dois sentidos, em toda a extensão
- As pistas locais têm mais deformações que as expressas e as do meio
- O pior trecho fica entre as pontes Imigrante Nordestino e da Vila Maria, no sentido Cebolão

- 1 Antes do km 4 até o final**
As placas de sinalização indicando o final da marginal estão entre os pontos mais confusos de toda a via. Faltam informações sobre retorno e como acessar as demais vias
- 2 Após as pontes Freguesia do Ó e Piqueri**
Mais postes apagados nas pistas expressa e central
- 3 Após ponte da Casa Verde**
Postes das pistas expressa e central apagados
- 4 Após a ponte General Milton de Souza, na via expressa**
Acúmulo de pedras grandes e pequenas no acostamento
- 5 Entre as pontes Imigrante Nordestino e da Vila Maria (km 23 a km 16)**
Ondulações e buracos no asfalto
- 6 Após a ponte Aricanduva, entre os kms 20,5 e 19,5**
Todas as lâmpadas estão queimadas no trecho



RESPOSTA

CET e Ilume afirmam que problemas serão resolvidos

A CET informa que a marginal Tietê recebeu recentemente remodelação na sinalização. A instalação seguirá o cronograma de sinalização da Companhia. Em relação aos problemas pontuais apresentados, a CET diz que todos os locais foram vistoriados e as providências foram tomadas.

O Ilume (Departamento de Iluminação Pública) informa que faz operações para sanar falhas, normalmente ocasionadas por vandalismo. Com relação aos problemas apontados, equipes de já

programaram vistoria para eliminar as falhas.

Quanto ao recapeamento, a Secretaria de Coordenação das Subprefeituras afirma que a calçada próxima à ponte do Tatuapé foi vistoriada e as medidas necessárias serão tomadas. (SM)

Na marginal Tietê, sinalização falha e luz ruim prejudicam motoristas

Reportagem constatou que trecho de 4 km está totalmente no escuro

DO "AGORA"

Problemas na sinalização e iluminação estão confundindo os motoristas que trafegam pela marginal Tietê.

A reportagem percorreu os 23,5 km da via e constatou dificuldades, por exemplo, para saber qual acesso pegar ou em qual ponte entrar orientando-se somente pelas placas instaladas.

Depois da criação da terceira faixa, muita gente ainda se atrapalha. "Após a ponte das Bandeiras, no sentido da Castello Branco, se não prestar atenção, você sobe na mureta da pista central", afirma o motorista Eronildes Soares dos Santos.

Segundo o especialista em trânsito Luiz Célio Bottura, é preciso instalar ao menos três placas para cada saída, sen-

do duas de aviso prévio e outra confirmando a conversão.

Já o também especialista Sérgio Ejzenberg acredita que a redução da velocidade máxima, de 90 km/h, ajudaria as pessoas a não se perderem nas pistas da marginal.

"Tem sinalização e acesso, mas o próprio trânsito em si nos atrapalha no percurso", afirma a farmacêutica Luciana Aguiar, 30.

ILUMINAÇÃO

Os problemas de iluminação persistem há um ano, desde a primeira vez que a reportagem percorreu a via.

Entre as pontes da Freguesia do Ó e das Bandeiras há um trecho sem luz de 4 km.

A escuridão já possibilitou a assaltantes colocarem pedras para que os motoristas parassem na marginal, faci-

litando os roubos. Após constatar a ação dos bandidos, a Polícia Militar instalou bases na área em 2011.

Três semanas atrás, o delegado Paulo Pereira de Paula foi morto a tiros na via durante uma tentativa de assalto.

"Tenho medo quando o trânsito está lento. Já vi um carro ser assaltado na minha frente", conta a gerente Dulce Fonseca, 32.

OUTRO LADO

A CET informa que a instalação de sinalização segue cronograma e que providências foram tomadas quanto aos pontos problemáticos apontados pela reportagem.

O Departamento de Iluminação Pública (Ilume) afirma que faz operações para sanar as falhas, e que elas são frutos de vandalismo.

cidade BOATE

LAURA CAPRIGLIONE
DE SÃO PAULO

Por volta das 22h da terça-feira passada, Marcelo, aparência de 40 anos, chapéu e bolsa enormes, dançava sozinho no que parecia ser um palco iluminado.

Impossível ouvir a música que o embalava — ele estava com fones de ouvido. A cena aconteceu no túnel que passa por baixo da praça Roosevelt, centro de São Paulo, onde a prefeitura inaugurou, na semana passada, um novo projeto de iluminação.

“Isso aqui é minha brisa agora”, disse Marcelo, referindo-se a um canto no túnel decorado com grafites, iluminado por lâmpadas de LED na cor azul-arroxeada (impossível não pensar em luz negra) — um “palco bacana”, na acepção do Fred Astaire paulistano.

O homem prometeu voltar com amigos para montar uma rave no local. Cada um com seu fone de ouvido e sua própria trilha musical, “porque senão não se ouve nada”.

A menos de 100 metros dali, cerca de 40 outras luzinhas piscavam. Eram isqueiros dos usuários de crack que fazem de outros cantos no túnel seus esconderijos.

A mudança integra uma nova frente de intervenção da prefeitura na paisagem urbana. Agora, na forma de luz.

O túnel com o palquinho, assim como outros 16 da cida-

Lâmpadas **azuis** se multiplicam em locais turísticos e até **túneis** de São Paulo; prefeitura diz querer criar **‘referências urbanas’**

de, teve todas as suas luzes trocadas por luminárias brancas de LED. Nas extremidades, assim como já acontece nos túneis Ayrton Senna e Tribunal de Justiça (zona sul da cidade), foram colocadas lâmpadas azuis de LED. “Para decorar”, informa o Ilume, Departamento de Iluminação Pública.

No túnel da Roosevelt, a luz decorativa foi colocada no teto, como os refletores de um teatro, com o foco direcionado para as paredes, de forma a não ofuscar a visão dos motoristas — vem daí o efeito palco, que entusiasmou Marcelo.

“Isso aqui vai virar uma boate dos nóias”, protestou a bancária aposentada Dolores Vieira Santana, 67, que mora na rua Amaral Gurgel, vizinha do palco.

‘REFERÊNCIAS URBANAS’

A mesma tonalidade de azul já aparece nos postes centrais de iluminação da avenida Paulista, na fachada da Assembleia Legislativa e também no Obelisco dos Heróis de 32, no Ibirapuera.

Segundo Regina Monteiro, presidente da Comissão de

Proteção da Paisagem Urbana, órgão da prefeitura, o objetivo da nova iluminação é criar “referências urbanas”.

“De noite, a cidade de São Paulo ficava toda laranja, indiferenciada, por causa da iluminação com vapor de sódio. O objetivo agora é mudar isso. Referências geram uma sensação de aconchego e familiaridade com a paisagem”, diz.

A prefeitura também está trocando a iluminação antiga por lâmpadas brancas de vapor metálico e de LED nos cartões-postais da cidade, como o Anhangabaú, a praça Villaboim e o centro histórico, além do Ibirapuera.

“É propaganda subliminar”, acusa o deputado petista Adriano Diogo, a respeito da cor azul, identificada com o PSDB de José Serra, apoiado pelo prefeito Kassab.

“É obra eleitoreira”, diz a vereadora Juliana Cardoso (PT), para quem a prefeitura deveria primeiro se preocupar em colocar lâmpadas na periferia — “a escuridão é o maior problema de segurança pública nos bairros pobres” —, antes de “maquiar” os bairros centrais.



Senna

Túnel Ayrton Senna e outros dezesseis já ganharam novas lâmpadas de LED na capital



Assembleia

Nova iluminação azulada destaca a fachada do prédio da Assembleia, zona sul da cidade



Roosevelt

No túnel que corta a praça Roosevelt, lâmpadas de LED na tonalidade azul foram colocadas no teto, com o foco direcionado para as paredes, para não ofuscar a visão dos motoristas

É COM VOCÊ Viu uma notícia? Escreva ou fotografe e mande para a gente

Escreva para a gente: Av. Eng. Caetano Álvares, 55, 6º andar.
CEP 02598-900. Fone: 3856-2234. Fax: 3856-2973.
e-mail: leitor.jt@grupoestado.com.br



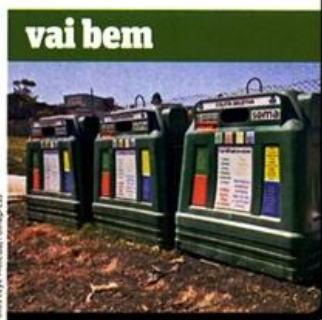
Lixo bloqueia passagem em praça

>>Na praça Geraldo Alvarenga Stockler, na Casa Verde, na zona norte da capital, os sacos de lixo acumulados não permitem que o pedestre passe pois a calçada é estreita. Quando a coleta será mais rápida e os lixos não prejudicarão os pedestres?

FOLHA DE S.PAULO

OPÇÃO PARA RECICLAR

Um novo Ecoponto está à disposição da população na rua Francisco de Melo Palheta, no Parque Boa Esperança (região leste). O local, que recebe lixo reciclável e entulho, funciona de segunda a sábado, das 6h às 22h, e, domingo, das 6h às 18h.



ESPECIAL ELEIÇÕES 2012**Unidos por várias causas**

Moradores se reúnem em associações para lutar por melhorias em seus bairros; em ano eleitoral, encontros de entidades incluem visitas de candidatos



João na praça Gastão Vidigal, no Jardim Europa

REGIANE TEIXEIRA E VANESSA CORREA

O megafone em punho alerta para a causa. É a voz de Paula Ribas, 37, reverberando para que vizinhos ouçam as reivindicações por moradia contra o projeto Nova Luz, na região central.

Na zona oeste, o empresário Jorge Eduardo de Souza, 58, tenta descobrir quando haverá reuniões nos condomínios para conseguir apoio aos pedidos de mais segurança no Morumbi.

Longe dali, no Jardim São Paulo, zona norte, Alba Stela Medardoni, 64, faz sua visita semanal à Subprefeitura de Santana/Tucuruvi para acompanhar as demandas de reparo de buracos nas ruas.

As estratégias e os objetivos são diferentes, mas guardam em comum o fato de envolver representantes de associações de bairros e suas reivindicações. Antigos, recentes, ativos ou comandados por uma pessoa só, esses grupos brigam por melhorias nas ruas e, muitas vezes, botam a mão no bolso para suprir a falta de ação do governo.

As entidades aproveitam o ano eleitoral para pressionar os candidatos: pedem

comprometimento do próximo prefeito e dos vereadores, melhor atendimento nas subprefeituras e a discussão de planos para suas microcidades.

Em regiões com mais infraestrutura, a principal cobrança é para manter as coisas como estão: moradores protestam contra a verticalização imobiliária e querem a preservação do patrimônio histórico. Na periferia, a lista inclui melhorias ou implementação de serviços básicos, como educação, transporte e saúde.

Apesar de alguns pedidos serem comuns a todos -segurança, iluminação e áreas verdes-, nem sempre eles convergem para o bem da cidade como um todo. "É comum associações defenderem interesses locais que acabam prejudicando a cidade", diz o professor de história do urbanismo da FAU-USP Renato Cymbalista.

O caso "clássico", exemplifica, é o de protesto contra obras de transporte público. "Uma estação de metrô serve à cidade inteira. Não pode ser tratada como planejamento de bairro", diz. "Se continuarmos assim, as desigualdades não tendem a diminuir."

Numa cidade como São Paulo, que possui 11,2 milhões de habitantes, os diferentes anseios fazem com que surjam variadas associações. A prefeitura não sabe dizer quantas entidades há em seus 96 distritos. Uma estimativa é dada pelo movimento Defenda São Paulo, que reúne cerca de cem associações de bairro.

Uma delas é a Sociedade Amigos do Itaim Bibi, que nasceu em 1995 no bairro da zona oeste. Naquele ano, moradores se uniram contra a boate Café Photo, que ficava numa área estritamente residencial. A luta para que os "vizinhos" se mudassem durou cinco anos e incluiu advogados, abaixo-assinados e boletins de ocorrência contra o barulho.

A experiência aproximou os moradores e fez com que outras demandas entrassem em pauta. No início deste ano, a comunidade protestou contra a troca de um terreno de 20 mil metros quadrados por creches.

Depois disso, a prefeitura desistiu da negociação. "Quando o indivíduo percebe o senso de comunidade, fica mais fácil reivindicar as coisas", afirma Marcelo Motta, 61, fundador da entidade.

Profissionalização

Para obter sucesso, as associações muitas vezes contam com o auxílio de advogados. "As pessoas confundem órgãos, não sabem a quem recorrer nem como formular pedidos", afirma João Maradei, 33, advogado e diretor-executivo da Ame Jardins, na zona oeste. A contratação de João, que é morador de Santana, na zona norte, foi um investimento da associação. Com experiência em cargos como chefe-de-gabinete da Subprefeitura de Pinheiros e assessor especial da Secretaria das Subprefeituras, ele, que não revela quanto ganha, reestruturou o dia a dia da entidade.

"Quem tem mais patrimônio e recursos quer se organizar melhor", diz o professor de administração pública da Unesp Álvaro Martim Guedes.

Na Sociedade Amigos do Itaim Bibi, uma secretária recebe as reclamações, protocola-as na prefeitura e monitora cada problema. A estrutura é mantida por 80 condomínios que pagam R\$ 100 por mês, cada um.

Já na Samovis (Sociedade Amigos do Morumbi e Vila Suzana), na zona oeste, são dois funcionários que recebem um salário mínimo cada um e ficam responsáveis por atender

e cobrar cerca de 50 ações por mês. Enquanto Fábio Costa, 34, cuida de atas de reuniões e registros em cartórios, Lucia Bordon, 59, encaminha e cobra os pedidos feitos à subprefeitura e a instituições como a Sabesp.

Mas como conseguir se estruturar em bairros mais pobres? Na favela de Heliópolis, na zona sul, foi por meio do agrupamento de diversas associações menores na Unas (União de Núcleos, Associações e Sociedades dos Moradores de Heliópolis e São João Clímaco) que a comunidade conseguiu ser ouvida pelo poder público.

"Quem diz o que tem que ser feito aqui é a gente. E a prefeitura tem respeitado isso", diz o diretor de relações institucionais, Nazareno Antônio Silva, 28, ou Buiú, como é conhecido.

Entre outras coisas, o grupo atraiu um polo educacional composto de escola técnica, centro cultural e três creches. Agora, a próxima etapa é a construção de uma piscina, uma biblioteca e quadras de esportes.

No extremo sul da cidade, porém, as dificuldades foram tantas que a Associação Comunitária de Engenheiro Marsilac vai fechar por falta de recursos, após 12 anos de conquistas que incluem creche e base do Samu.

Maria Lúcia Cirilo, 56, fundadora e atual presidente, diz-se frustrada pelo fim da entidade sem antes conseguir um dos seus maiores objetivos: dar nome às ruas para que os moradores comprovem moradia.

Problema compartilhado

Como algumas reivindicações não são atendidas, há quem consiga se organizar a ponto de assumir uma tarefa que seria da prefeitura ou dos vereadores. Em 2007, a Ame Jardins decidiu fazer um levantamento sobre o estado de 2.200 árvores espalhadas entre Jardim América, Jardim Europa, Jardim Paulista e Jardim Paulistano, na zona oeste.

O estudo, que teve o patrocínio da Eletropaulo e deve ser finalizado neste ano, será encaminhado para a subprefeitura local e para a Secretaria do Verde e do Meio Ambiente para ajudar na prevenção da queda de árvores.

Outra iniciativa pioneira foi a implementação da coleta seletiva pela Samorcc (Sociedade dos Amigos, Moradores e Empreendedores do Bairro de Cerqueira César), também na zona oeste. Começou em 2001, com a reciclagem feita por uma empresa privada. Dois anos depois, a prefeitura cedeu caminhões para que a retirada do lixo fosse feita por uma cooperativa.

Hoje, 400 prédios do bairro contam com o serviço, diz a advogada Célia Marcondes, presidente da entidade, que já organizou plantio de árvores e luta para criar o Parque Augusta.

Para Iênídes Benfati, presidente da Viva Pacaembu, as associações não podem assumir as responsabilidades dos órgãos públicos. "Cada um tem de cumprir com seu dever, senão daqui a pouco eu estou asfaltando rua."

Isso não quer dizer que a associação não seja atuante -foi essa entidade que conseguiu barrar a promoção de shows à noite no estádio do Pacaembu. Em outros bairros nobres, a luta pela "proibição" também é comum.

Em 2010, a Associação Defenda Higienópolis, na região central, reuniu 3.500 assinaturas contra a construção de uma estação da linha 6-laranja do metrô na avenida Angélica. Mesmo com parte dos moradores a favor da estação ali, a prefeitura transferiu sua localização para uma rua próxima.

Defender-se contra a chegada de mais prédios também mobiliza bairros e até motiva a criação de associações, como na Vila Madalena e em Pinheiros, onde os moradores querem manter as casinhas na paisagem.

A proposta, porém, é contrária às políticas de urbanismo expressas no Plano Diretor, que trata de aproximar as pessoas dos empregos tornando os bairros mais "densos" (com mais moradias em menos espaço).

Segundo o urbanista Renato Cymbalista, é papel do poder público "discernir o que é interesse legítimo de uma comunidade e o que é defesa de privilégios em prejuízo da cidade".

Líderes comunitários

Nos distritos mais periféricos, no lugar de associações predominam os movimentos sociais.

Segundo o professor de urbanismo da FAU-USP João Whitaker, muitos locais não têm elementos de identificação básicos de um bairro -como escola, praça e hospital- e se constituem mais como aglomerações de pessoas. Por isso, diz, "é mais comum que se reúnam em torno de reivindicações, e não de questões bairristas de proteção de características da localidade".

Inspirado pela Rede Nossa São Paulo, Antônio Luiz Marchioni, 60, o padre Ticão, da paróquia de Ermelino Matarazzo, fundou o Movimento Nossa Zona Leste, que tem como objetivos munir a população de informações e formar líderes comunitários.

"Estávamos acostumados com um discurso genérico. Hoje as lideranças mostram o que faltou e o que sobrou no Orçamento", diz Maurício Broinizi, da Rede Nossa São Paulo.

Movimentos sociais ou associações, vários grupos da cidade já têm em sua programação encontros com candidatos a prefeito ou vereador, que serão pressionados a apresentar suas propostas para o bairro. "Não esperamos nada do próximo prefeito. Vamos exigir", avisa o presidente da Sociedade Amigos do Jardim Miriam, na zona sul, Benedito de Oliveira, 55.

Se for assim, o sucesso da próxima administração poderá ser medido pelas conquistas dos bairros.

PRINCIPAIS CONQUISTAS

O que algumas associações já conseguiram para seus bairros

JARDIM SÃO PAULO

A Associação Amigos do Mirante Jardim São Paulo conseguiu um imóvel para instalar uma unidade da PM e arrecadou R\$ 46 mil para reformar o prédio

MARSILAC

A Associação Comunitária de Engenheiro Marsilac conseguiu, em muitos casos com ajuda do Ministério Público, creche, núcleo educacional, base do Samu, transporte escolar e supletivo

MOOCA

A associação Amo a Mooca fez com que um supermercado se instalasse no edifício do antigo Cotonifício Rodolfo Crespi, inaugurado em 1897, sem alterá-lo. Em 2007, conseguiu o tombamento do antigo Moinho Santo Antônio

MORUMBI

Em 2010, a Samovis pressionou a CET para que fosse implementada a restrição à circulação de caminhões em ruas do Morumbi

PARAISÓPOLIS

A União dos Moradores de Paraisópolis conseguiu abrir um diálogo com o governo e hoje participa das reuniões sobre o programa de reurbanização da região

PARQUE CONTINENTAL

Neste ano, a Sociedade Amigos do Residencial do Parque Continental levantou recursos para fazer um projeto de moderação de tráfego, que limitará o trânsito local

SÃO MIGUEL PAULISTA

Associação Amigos do Bairro Cidade Nova São Miguel conseguiu nos anos 1980 e 1990 asfaltar as ruas do bairro e a construção de creches

VILA MARIANA

Em 2010, a Associação de Moradores e Amigos de Vila Mariana conseguiu impedir a criação de um corredor de ônibus na rua Domingos de Moraes e tenta levar o projeto para outra via

onde estão

Localização das cem associações filiadas à Defenda São Paulo, por subprefeitura

Santana /Tucuruvi 8%

Pinheiros 23%

Lapa 13%

Butantã 13%

Vila Mariana 23%

Santo Amaro 15%

Ipiranga 5%

"Queremos reunir associações com problemas similares para pressionar o poder público"
João Maradei, 33, diretor-executivo da Ame Jardins, na zona oeste

"Não queremos atuar como uma ONG. Quanto mais autonomia as pessoas tiverem para reivindicar, melhor"

Joildo Santos, 26, presidente da União dos Moradores de Paraisópolis, na zona sul

"Poder público deve evitar privilégios"

Para o urbanista Renato Cymbalista, as reivindicações dos bairros são legítimas, mas não podem prejudicar o restante da cidade

Qual é a relação das associações com a produção das cidades?

Elas são atores sociais fundamentais no jogo urbano. São um dos elos entre o poder público e as reivindicações populares. Alguns dos movimentos atuais de classe média são em parte inspirados na atuação de Jane Jacobs nos bairros novaiorquinos na década de 1950, que conseguiu reverter grandes projetos arrasa-quarteirão. Sem essa organização, o Village não existiria, teria um minhocão passando por ele.

Quais são as estratégias usadas pelas associações?

As estratégias são muito variadas: negociação em gabinete, troca de votos por investimentos, projetos de iniciativa popular, recursos jurídicos, artigos de opinião publicados na mídia, abaixo-assinado, passeata, protesto, panelaço.

Elas são importantes em SP?

São, para o bem e para o mal. Podem servir para reivindicações legítimas, mas também para defender privilégios, e muitas vezes são instrumentalizadas por vereadores. A Constituição e o Estatuto da Cidade tornaram uma exigência legal a "gestão democrática da cidade". Os bairros entenderam isso e intervêm onde acham que seus direitos estão ameaçados.

O que fazer quando o interesse do bairro é contra o da cidade?

Fazendo uma divisão grosseira, as associações dos bairros ricos organizam-se contra mudanças: não querem metrô, corredor de ônibus. Já as pobres organizam-se para reivindicar: querem escola, asfalto. O poder público tem de discernir o que é interesse legítimo da comunidade e o que é defesa de privilégios em prejuízo da cidade.

"A associação surgiu para preservar a história da Mooca e não deixar o bairro se tornar dormitório"

CRESCENZA GIANNOCARO, a dona Zina, 68, presidente da Amo a Mooca, na zona leste

"Passo noites acordado para administrar os problemas que chegam à associação"

OSWALDO LUIZ BACCAN, 55, presidente da Associação de Moradores e Amigos de Vila Mariana, na zona sul

GENEALOGIA DAS ASSOCIAÇÕES DE BAIRRO

O que precisam ter para funcionar e quais os principais meios de atuação

Como nascem

1. Convocação

Em torno de um propósito comum, moradores definem objetivos e traçam o esboço de um estatuto

2. Primeira reunião

Uma assembleia-geral inaugural discute, modifica e aprova o estatuto. Nesta reunião, é eleito o conselho deliberativo

3. Diretoria

O conselho elege a diretoria, que deve ter presidente, vice, secretário e tesoureiro, além de um conselho fiscal

4. Registro

O estatuto deve ser registrado em cartório. A entidade ganha então status de pessoa jurídica de direito privado. A partir daí, pode propor ações civis públicas na Justiça sem o intermédio do Ministério Público

5. CNPJ

De posse do registro em cartório, a associação deve pedir na Receita Federal o registro de CNPJ, que permite abrir conta bancária em nome da entidade

Como agem

1. Organizam abaixo-assinados para entregar ao poder público
2. Promovem eventos, como abraços a praças, shows, protestos para chamar atenção para causas maiores, como evitar destruição de área verde
3. Procuram o Ministério Público quando entendem que a lei não é cumprida pelos órgãos de governo
4. Quando a entidade tem CNPJ, ela pode propor ação civil pública sem o intermédio da Promotoria

Como ser bem-sucedido

1. Fazer parceria com associações que já têm sucesso, para aprender com elas
2. Ter advogados entre os diretores e associados. A maior briga das associações é pelo cumprimento da lei
3. Ter uma sede com telefone e e-mail, organizada como empresa
4. Buscar recursos com a cobrança de mensalidades dos associados, por meio de envio de boletos (pela lei, a mensalidade não pode ser obrigatória)
5. Não deixar a associação acabar depois que o problema que a fez surgir tiver sido resolvido. Outros problemas certamente surgirão

Fontes: Código Civil, Associação dos Moradores do Jardim da Saúde, Associação Viva Pacaembu e Lucila Lacrete, presidente do Movimento Defesa São Paulo

EM ALOJAMENTO NO CEMITÉRIO DO ARAÇÁ

Coveiros fazem churrasco

Os funcionários do cemitério do Araçá, no bairro de Cerqueira César (região central de São Paulo), fizeram ontem à tarde um churrasco com bebidas alcoólicas em pleno horário de trabalho.

O motivo, segundo os servidores, era a despedida de um dos trabalhadores do local. Pelo menos 15 pessoas, entre coveiros, construtores de jazigos e funcionários da administração, participaram da comemoração. De acordo com os participantes, a administração do cemitério sabia do evento e autorizou a realização do bota-fora.

A festa, realizada no refeitório, começou por volta das 12h e só terminou depois das 16h. Neste período, ninguém foi enterrado.

O churrasco também tinha refrigerante, cerveja, cachaça e caipirinha, que foram



Rubens Cavallari/Folhapress

■ Alojamento onde os funcionários do cemitério do Araçá fizeram o churrasco: despedida de colega

comprados após uma vaquinha. A carne foi assada em uma grelha. Um dos coveiros foi o responsável pela preparação do arroz e do vinagrete. Outros dois tocavam modas sertanejas em violões.

Os funcionários afirmaram que a comemoração não atrapalhou o trabalho no cemitério e que é comum haver eventos desse tipo, principalmente em aniversários.

(Ana Flávia Oliveira)

■ RESPOSTA

Conduta será investigada, afirma órgão

O Serviço Funerário do Município de São Paulo, que administra o cemitério do Araçá, disse que a festa dos funcionários não foi permitida, e que vai investigar os fatos. Caso seja encontradas irregularidades, os servidores serão punidos. Ainda segundo o órgão, o consumo de bebidas alcoólicas no horário de trabalho é proibido e passível de punição. Os funcionários afirmaram que a festa não atrapalhou os serviços e que ontem só aconteceram dois enterros. (AFO)

COLUNA CEBRASSE


CEBRASSE
 Central Brasileira do Setor de Serviços

A história da limpeza urbana na cidade de São Paulo

O Sindicato das Empresas de Limpeza Urbana de S.Paulo – Selur completou 20 anos de atividades, comemorados com jantar e show artístico no Salão Nobre do Sport Clube Sírio, na noite de 10 de agosto

O momento foi ideal para lançamento de livro que conta a história da limpeza da capital paulista desde o século 17, quando o lixo paulistano era transportado por mulas.

O prefeito Gilberto Kassab e o deputado federal Roberto (PSD/SP) prestigiaram o encontro, que reuniu outros políticos, empresários e amigos da entidade que representa empresas do segmento, cuja atividade está intimamente ligada à natureza social, ambiental, econômica e de saúde pública da maior capital do País.

“Nossos desafios são decorrentes da essencialidade das demandas diárias de coleta, transporte e destinação de resíduos sólidos dispensados por moradias, empresas e instituições de saúde; além da varrição de ruas e espaços públicos e demais ações diretamente ligadas



O prefeito Kassab recebeu o livro escrito por Ariovaldo Caodaglio (à esquerda). O deputado Roberto Santiago também participou do evento.

ao bem estar da limpeza urbana”, comentou Ariovaldo Caodaglio, presidente do sindicato.

Caodaglio escreveu com Roney Cytrynowicz o livro Limpeza urbana na cidade de São Paulo – uma história para contar, lançado na noite da festa. Com 240 páginas, a

obra detalha a proporção e a relevância da limpeza paulistana, cuja grandeza hoje deve equiparar-se apenas ao gigantismo da maior cidade da América Latina - com 1.523 quilômetros quadrados e mais de 11,250 milhões de habitantes. Calcula-se que cada um deles produza mais de um quilo

de resíduos por dia. Faça as contas.

Há curiosidades no relato, que vai do século 17 até a atualidade - como o fato de antigamente o lixo ser carregado no dorso de mulas muito bem tratadas, que ficavam na área onde está hoje o Parque do Ibirapuera.

Televisão e Rádios

Problemas de sinalização e iluminação confundem os motoristas que trafegam pela Marginal Tietê

Emissora:Rádio CBN AM - SP

Programa:Primeiras Notícias

Tipo de Clipping:Rádio

Data/Hora Fonte:20/08/2012 - 05:57

Os motoristas estão sofrendo com a falta de iluminação na Marginal Tietê, facilitando assim a ação de bandidos. A Polícia Militar instalou unidades para que se diminuísse a ação dos bandidos.

<http://www2.boxnet.com.br/pmsp/Visualizacao/RadioTv.aspx?IdClipping=20479904&IdEmpresaMesa=&TipoClipping=A>

Problemas na iluminação e sinalização na Marginal Tietê complicam motoristas

Emissora:BANDNEWS - FM

Programa:BandNews

Tipo de Clipping:Rádio

Data/Hora Fonte:20/08/2012 - 06:2

<http://www2.boxnet.com.br/pmsp/Visualizacao/RadioTv.aspx?IdClipping=20479807&IdEmpresaMesa=&TipoClipping=A>